

Rocca di Papa, 23 de novembro de 1977

Contatos de Chiara com Paulo VI

Entrevista de Jean-Claude Darrigaud a Chiara para o livro *Toute soif a son eau*

(...)

Jean-Claude: Como foram os seus contatos com Paulo VI antes de ele ser eleito Papa e agora como responsável da nossa Igreja?

Chiara: Os contatos com Paulo VI nasceram espontaneamente porque Eli, uma das minhas primeiras companheiras, é parente do irmão de Paulo VI. Um dia, no nosso focolare em Roma, eu havia transmitido um slogan, que se tornou depois uma palavra conhecida: "*Nulla dies sine anima*", "Nenhum dia sem uma alma". Então Eli se perguntou: "O que posso fazer para conquistar hoje uma alma? Ah, conheço o bispo Montini, vou encontrá-lo."

Então Eli foi visitá-lo e contou-lhe alguma coisa daquilo que fazia, alguns fatos da sua vida. Foi visitá-lo novamente com outras companheiras minhas e, num certo momento, dom Montini disse: "Mas eu não posso conhecer esta Chiara?" Então eu também fui.

Percebi logo que era uma pessoa excepcional. Contávamos para ele tudo o que estava acontecendo conosco. Também telefonávamos. Lembro-me que uma vez telefonamos para ele às 11 da noite. Nasceu uma amizade e também uma estima. Ele admirava muito o fato de que no Movimento existia uma grande fé.

Lembro-me que uma vez, quando lhe falei francamente, dizendo: "Mas o que são todas estas coisas maravilhosas da cidade e Roma? Todos estes monumentos, estas obras de arte? Não são nada diante da realidade da presença de Jesus no meio", ele concordou com o que eu disse. Soube depois que tinha ficado muito contente com essas palavras. Tanto é verdade que, ainda no período em que a Igreja nos estudava, ele conseguiu para nós uma audiência com o Papa Pio XII, que havia perguntado quem era a animadora do Movimento. Deste modo eu pude cumprimentar o Papa que, naquela ocasião, nos deu uma lembrança, e depois nos despedimos.

Quando dom Montini se tornou Papa me concedeu uma audiência, que eu não pedi, foi outra pessoa que pediu. E na primeira audiência, a impressão foi logo bem clara: a de não me encontrar mais diante de dom Montini, mas do vigário de Cristo, portanto com a mesma pessoa de antes mas muito mais ainda.

Ele quis que eu lhe contasse a que ponto estava o nosso Movimento - já aprovado, em parte, por João XXIII -; e quando lhe falei sobre os irmãos cristãos não católicos, vi que ficou muito interessado, e me disse que fosse encontrá-lo se tivesse algo para lhe dizer. Quando lhe expus que era um Movimento muito diversificado, com muitas ramificações e setores, que penetrava também nos conventos de religiosas, frades, sacerdotes, por toda parte, e que talvez não se configurasse a nenhuma outra obra existente na Igreja, ele me disse: "Diga-me tudo, porque aqui nada é impossível."

Percebi nas suas palavras a sabedoria, e tinha a impressão de estar diante de Jesus presente aqui na terra. E essa impressão foi tão forte - eu repito sempre - que tive a nítida sensação de que o teto daquele estúdio, onde ele recebe as pessoas, não existisse mais, e que céu e terra se unissem.

Esta foi a primeira vez. Voltei ainda várias vezes por outros motivos, e sempre, mesmo se ia encontrá-lo por outras questões que diziam respeito a estas ações ecumênicas ou obras que se referiam à Igreja, eu sempre tinha algo a dizer sobre o nosso Movimento, porque surgiam outras ramificações que precisavam da aprovação do Papa. E ele assumia a situação como própria, dando-nos a aprovação sem que devêssemos passar pelas várias Congregações, porque fomos aprovados diretamente pelo Papa.